

O ciúme como modo de fazer multiplicar os mundos possíveis

Jealousy as a way to multiply possible worlds

FLAVIA LUIZA BRUNO COSTA DE CARVALHO*

Resumo: Este artigo tem como objetivo tratar dos conceitos de amor e ciúme em Marcel Proust, a partir da leitura que faz Nicolas Grimaldi em sua obra *O ciúme – estudo sobre o imaginário proustiano* e, a partir do sentido que esses conceitos ganham, mostrar como podem se compor com a ideia leibniziana de fazer multiplicar mundos possíveis, levando o sujeito a experimentar a conquista da liberdade.

Palavras-chave: Proust. Grimaldi. Leibniz. Ciúme. Amor. Mundos possíveis.

Abstract: This article aims to talk about love and jealousy concepts in Marcel Proust, from the reading by Nicolas Grimaldi of his book *La Jalousie, étude sur l'imaginaire proustien* and, as of the meaning of these concepts, show how they can be composed with the Leibniz idea of making multiply possible worlds, bringing the subject to experience the conquest of freedom.

Keywords: Proust. Grimaldi. Leibniz. Jealousy. Love. Possible worlds.

Introdução

O livro de Nicolas Grimaldi, *O Ciúme – estudo sobre o imaginário proustiano*, pretende, como nomeia o próprio subtítulo, realizar um estudo sobre o imaginário proustiano a respeito do amor e, particularmente, sobre o ciúme. Tais sentimentos ganham um sentido renovado, distante da tradição que acompanha todos os clichês românticos, a começar pela colocação de duas ideias desconcertantes: a de que não existe amor feliz (LATTRE, 1984 *apud*

* Doutora, mestre e graduada em Filosofia pela UFRJ. Professora adjunta da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: profabruno@gmail.com

GRIMALDI, 1994, p. 6) e a de que o amor é uma invenção do ciúme, como diz o mestre Ulpiano: “Proust chega ao extremo! Ele diz: o ciúme não se origina no amor. O amor é uma produção do ciúme. O ciúme inventa o amor para ele poder passar” (1995).

1. A angústia como natureza do amor

Para Grimaldi o amor não só se caracteriza pela inconstância, mas é necessariamente por ela ameaçado (1994, p. 6), o que nos leva a compreender a angústia como a própria natureza do amor, angústia essa que se especifica no ciúme e suas consequências.

De acordo com a leitura de Grimaldi, o amor na obra proustiana não é apresentado senão como uma patologia, como um sofrimento. Alguns dos personagens o descrevem como “estado mórbido”, “loucura”, “mal incurável”, “tortura recíproca”, “sempre insuportável”, “sofrimento permanente”. Nas próprias palavras de Proust, o amor é “uma má sina como as que existem nos contos, contra a qual nada se pode fazer enquanto não tiver passado o encantamento” (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 8). Mas, se por um lado o amor é sofrimento, a ausência dele leva o amante ao mais irremissível dos tédios. Aquele que experimenta o amor necessariamente sente ciúme, suas dores e tristezas e, portanto, não é feliz, ao passo que aquele que experimenta um amor sem sofrimento ou sem ciúme, na realidade vive apenas no tédio, como resume o narrador de *A prisioneira*: “minha vida com Albertina era, por um lado, quando eu não sentia ciúme, só tédio e, por outro, quando eu sentia ciúme, só sofrimento” (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 9). Ou seja, na ambivalência que define o amor, escolhe-se amar e sofrer ou não amar e entediar-se, não sendo possível outra combinação.

A tese é, aparentemente, absurda: como um sujeito pode amar exatamente aquele que só lhe produz malefícios? Para responder a essa questão Grimaldi estabelece o que ele chama de cinco teoremas da psicologia proustiana.

2. A insignificância da pessoa amada

Em Proust o amor não é tratado como um problema intersubjetivo, um problema entre sujeitos. Antes, os sujeitos se diminuem para ficar apenas o afeto, é o que Grimaldi chama de teorema da insignificância da pessoa amada

com relação ao nosso próprio amor (1994, p. 9). Uma redução da pessoa amada a um quase-nada, na definição do escritor francês (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, p. 10), isto é, a consideração de que a mulher amada é tão somente uma ocasião para o amor e não a sua causa (GRIMALDI, 1994, p. 9). Aqueles que ignoram a verdadeira causa do amor fazem deste sentimento, de forma invertida, nada mais do que uma breve ocasião. Logo, para que o amor possa ser compreendido, deve-se buscar a sua causa não na pessoa, mas em um desejo maior que se serve de pessoas para ganhar a existência.

Se a mulher amada é apenas uma ocasião para o amor, sua importância personalística é nenhuma ou quase nula. Seus atributos físicos, suas disposições de caráter, seus dotes intelectuais tornam-se secundários, para não dizer irrelevantes. O homem comum que pensa ser a mulher a causa do amor, frequentemente fica surpreendido ao conhecer o aparente objeto do amor, quando este não corresponde minimamente à sua expectativa de beleza ou graciosidade. O homem comum, sem encontrar na figura feminina qualidades que justifiquem a devoção do amante ou o seu sacrifício, com frequência expressa sua indignação e perplexidade.

Mas quando se parte da ideia de que a mulher amada não é, em si mesma, relevante na relação de amor, esta deve, antes de tudo, tornar-se diminuta. É esse o aspecto mais evidenciado na obra de mesmo nome de Robbe-Grillet (1986). Nela há um esvaziamento dos personagens em favor do afeto ciúme, que se agiganta e toma conta de toda a história, ainda que este só seja mencionado no título. No romance de Robbe-Grillet a mulher amada (bem como os demais personagens) não é descrita em termos biográficos, históricos ou personalísticos. Na verdade, quase não se sabe quem ela é ou como ela é, à exceção da cor e brilho dos seus cabelos e do fato de morar em uma fazenda de bananas. Robbe-Grillet nos conduz à despersonalização do sujeito, à nulidade da pessoa amada, ao esvaziamento objetivo do personagem que sofre uma ausência de si próprio (DELEUZE, 2005, p. 18).

Robbe-Grillet afirma que o personagem é uma noção obsoleta na literatura do Novo Romance. A literatura clássica do século XIX colocara o personagem em um pedestal e exigia sua apresentação com nome, sobrenome, genealogia, profissão, bens, caráter, passado (1969, p. 21), mas a personagem de *O ciúme* não tem nome (é chamada A...), não tem rosto, não tem família, não tem nada! O próprio narrador, que sugere ao leitor ser o terceiro personagem sempre mencionado pela quantidade de pratos à mesa, se coloca em

terceira pessoa. O romance é descritivo, mas não narrativo, o que implica dizer que ele não conta uma história ou reproduz um cotidiano. Robbe-Grillet diz que o leitor apressado que, querendo conhecer a história, pula as descrições e se atém apenas à narrativa, chegará ao fim do volume e o seu conteúdo lhe terá escapado inteiramente (1969, p. 98). Poucas cenas são repetidas várias vezes, descrevendo sempre a paisagem, o mobiliário, a disposição da luz e dos objetos. Tal repetição faz o leitor supor que algo se tornará mais nítido, mas “quando a descrição acaba, percebe-se que ela não deixou nada atrás de si” (Robbe-Grillet, 1969, p. 99). Poucas frases são ditas, algumas situações são apresentadas, mas não há ordem nesses acontecimentos. O embaralhamento das descrições traz não uma evidência psicológica ou um drama conjugal, mas sim uma atmosfera em que não se pode precisar se a mulher possui um comportamento suspeito ou demasiadamente natural.

Ora, porque a mulher amada pode ser assim diminuída? Porque o amor é menos aquilo que é visível em uma mulher e mais “tudo quanto uma imaginação humana pode colocar por trás de um pedacinho de rosto” (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI 1994, p. 11), ou em outras palavras, é menos o objeto da percepção e mais um ato do espírito (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI 1994, p. 11).

Aliás, o papel da imaginação é tão importante que Proust afirma que a beleza de uma mulher conta muito pouco no amor que se tem por ela e talvez apenas os homens sem imaginação necessitem de mulheres bonitas (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 11).

3. Ninguém jamais é amado senão a despeito de suas próprias qualidades

Quando se parte da premissa de que o amor nasce em razão da mulher amada, acredita-se que o encantamento provém de qualidades físicas, intelectuais ou morais. Mas Proust apresenta o amor como um afeto diferente ou independente da pessoa amada. Grimaldi lembra o caso de Swann e Odete (1994, p. 11-13): aos olhos de Swann ela era “uma grandíssima idiota”, sem bom gosto para a música ou literatura, cheia de “ideias vulgares que nutria por todas as coisas”, possuía “um gênero de beleza que não lhe inspirava nenhum desejo” e lhe causava até “uma certa repulsa física”, achava-a “até feia”, não obtinha “quase nenhum prazer em estar em sua cama”, além de dissimulada, fingida e mentirosa. Mas apesar de tais qualidades Swann por ela esperava a

noite inteira e até mesmo chegou a desejar a morte. Eis o segundo teorema proustiano: “ninguém jamais é amado senão a despeito de suas próprias qualidades” (GRIMALDI, 1994, p. 11).

Se não é o corpo, a beleza ou as qualidades espirituais que contam no ato de amor, o que é que se ama quando se ama? Se, objetivamente, a mulher amada não é nada que se pode amar, qual é então o verdadeiro objeto do amor? “Qual pode ser essa coisa que uma pessoa não é e que nos leva a amá-la a despeito do que ela é?” (GRIMALDI, 1994, p. 13). É algo estranho, independente e indiferente a ela. Não é o que está atualizado em seu corpo ou o que se apresenta como objeto que desperta o amor, mas antes o que está virtualmente ali contido.

4. Ama-se numa mulher exatamente aquilo que uma obra de arte anuncia: um outro mundo

Grimaldi reconhece ser esse teorema uma das intuições mais originais e basilares de Proust (GRIMALDI, 1994, p. 13). Para ele, ama-se em uma mulher exatamente aquilo que uma obra de arte anuncia e que a constitui: um outro mundo. Aquilo que o amor mais se apega, diminuindo a importância de todo o resto é a possibilidade de participar de uma vida desconhecida, o acesso a um mundo vedado ao sujeito que se volta pra si mesmo.

Deleuze, do mesmo modo, afirma que a pessoa amada exprime o mundo desconhecido que nos exclui:

o ser amado [...] exprime um mundo possível, desconhecido de nós. [...] O pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. Amar é procurar explicar, desenvolver esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado. É por essa razão que é tão comum nos apaixonarmos por mulheres que não são do nosso ‘mundo’, nem do nosso tipo (1987, p. 8).

O amor, nesse sentido, também busca o mesmo que a arte, qual seja, fazer o sujeito sair do mundo ao qual está aprisionado, sendo levado a experimentar novas possibilidades. Diz Proust:

só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso. Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito... (*apud* DELEUZE, 1987, p. 42).

Quem ama vê nascer em si imagens de terras distantes, ideias e impressões que não lhe pertencem originalmente. Outras paisagens, outros temas, outras contemplações são acrescentadas ao mundo próprio de cada um, lhe permitindo um alargamento, um crescimento, uma expansão de qualidade. Nesse sentido, o amor propiciaria àquele que ama o objetivo maior da filosofia, tal como exposto na filosofia leibniziana.

O sujeito como ponto metafísico é o que Leibniz chama de mônada (DELEUZE, 1991, p. 42). Cada mônada, percebe todo o universo à sua maneira, de acordo com um ponto de vista que lhe é próprio (LEIBNIZ, 1842, p. 444). Diz ele: toda substância é “como um espelho de Deus, ou melhor, de todo o universo, expresso cada um à sua maneira, pouco mais ou menos como uma mesma cidade é representada diversamente conforme as diferentes situações daquele que olha” (1979b, 9, p. 125). Ocorre que tal percepção não se mantém indefinidamente, isto é, cada mônada faz variar suas sucessivas percepções, num esforço contínuo de mudança e expressão do mundo (1979a, 10, p. 105).

O ponto de vista é como uma pequena zona de expressão clara e distinta, uma pequena iluminação, que outros pontos de vista também expressam, porém confusa e obscuramente. Apenas Deus percebe o mundo todo clara e distintamente (1979a, 48, p. 110). Assim, imitar Deus exige uma conquista de amplidão, uma elevação de potência, uma ampliação de sua porção de clareza, isto é, implica em fazer variar o ponto de vista, encontrando maior iluminação para sua expressão (DELEUZE, 1991, p. 114).

Trata-se de uma conquista de existência, de afirmação da vida. A mônada é chamada a desenvolver todas as suas percepções, a se desdobrar, como diz Deleuze (1991, p. 115). Esse caminho de desenvolvimento é também um caminho de liberdade, cujo ganho faz multiplicar novos mundos possíveis. É o que Proust está propondo por meio do amor: afirmar sua clareza e conquistar outras.

A arte e também o amor, permitiriam ao sujeito deixar seus próprios limites, seu pequeno e claro mundo e se debruçar sobre outros, liberando a vida para além dos contornos habituais. Como pergunta Bergson em *La perception du changement*: “a que serviria a arte senão a nos fazer descobrir na natureza e no espírito, fora de nós e em nós, uma multidão de coisas que não despertava explicitamente a nossa consciência?” (1991, p. 1370, tradução nossa).

É como uma migração metafísica, uma ponte rumo a uma vida da qual sempre se estaria privado. É uma necessidade de excesso, de diferença.

É assim que Odete, apesar de sua parvoíce, sua reputação duvidosa, sua feiúra, uma noite

em pé ao lado dela, tendo deixado correr ao longo de suas faces os cabelos que ela desatara, dobrando uma perna numa atitude ligeiramente dançante para poder inclinar-se sem fadiga na direção da gravura que observava, [...] com os grandes olhos tão fatigados e aborrecidos [...] ela impressionou Swann por sua semelhança com Zéfora, a filha de Jetro, que se vê num afresco da Capela Sistina¹ (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 15)

Quando Swann tem essa visão, ele próprio se reprova por não ter reconhecido “o valor de um ser que teria parecido adorável ao próprio Sandro” (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 15). Enquanto Odete era apenas uma mulher trivial, ela não despertava o amor de Swann, mas quando ele vê a semelhança de Odete com a figura de Botticelli, os traços que antes haviam lhe desagradado, transmutam-se em encantamento, embora sejam ainda os traços da mesma Odete.

Diz Proust:

essa vaga simpatia que nos conduz a uma obra prima que contemplamos, agora que ele conhecia o original carnal da filha de Jetro, se convertia num desejo que supria doravante aquele que o corpo de Odete a princípio não havia lhe inspirado (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 16).

Odete deixava de ser a mulher que era com sua história e biografia para se tornar, no imaginário de Swann, uma virgem de Botticelli. Essa recriação de Odete leva Swann a sair do seu mundo e penetrar no mundo de Botticelli e mais ainda: ao possuir essa virgem, vinha com ela todo o mundo de Botticelli, os Médices, os Pazzi, o Vaticano, Marsilio Ficino, Florença, o século XV, o Renascimento (GRIMALDI, 1994, p. 17).

Essa outra coisa que não ela mesma pela qual toda mulher pode ser desejada é essa multiplicação possível de si mesmo. A posse da mulher amada anuncia uma nova vida em um novo mundo. Nesse sentido, a obra de Proust (bem como a de Robbe-Grillet), não é um caminho para uma antropologia ou uma psicologia, mas para a ontologia.

Para Grimaldi o amor cumpre então a promessa da arte: a migração metafísica para um outro mundo (1994, p. 17), a saída de si mesmo e a entrada em uma nova vida. Mais do que ver outros mundos ou simplesmente contem-

¹ Afresco “As provações de Moisés” da Capela Sistina (Roma) pintado por Sandro Botticelli entre os anos 1481 e 1482.

plá-los, o amor permitiria àquele que ama penetrar mundos diversos e, efetivamente, viver neles. Assim, mais do que volúpia ou a beleza material, o amado deseja penetrar um interior que lhe é estrangeiro. Ao ocupar inteiramente aquele que se deseja, “é num mundo totalmente diferente que ele espera penetrar e sonha possuir tanto quanto possível” (GRIMALDI, 1994, p. 19).

Para Leibniz existem infinitos mundos possíveis, todos reais, embora nem todos se realizem em ato ou alcancem a existência (1998, p. 326). Nos *Essai de théodicée*, o filósofo alemão se serve do mito de Sexto para explicar a infinidade de tais mundos, que são representados em uma pirâmide que não tem base, posto que se prolonga ao infinito, mas cujo ápice se encontra o mundo atual ou existente. Neste topo há o mundo em que Sexto sai encolerizado do templo, despreza o conselho dos deuses, vai a Roma, viola Lucrecia e morre abatido e desgraçado, mas há outros tantos mundos diversos, como aquele em que Sexto sai do templo de Apolo com a intenção de obedecer a Deus, se dirige a Corinto, compra um jardim e cultivando-o encontra um tesouro com o qual se torna rico e morre velho e querido por todos os habitantes da cidade ou ainda o mundo em que Sexto sai do templo, resolve obedecer a Apolo e se dirige para Trácia, onde se casa com a filha do rei, sucede a este e chega a ser adorado por seus súditos (1969, 413-417). Logo, cabe a pergunta: quantas vidas um sujeito pode ter tido em inúmeros outros mundos possíveis? Que outros encontros, paisagens ou alegrias absolutamente originais e dessemelhantes ao já vivido lhe seriam possíveis experimentar?

Enquanto preso a uma existência atual, o sujeito limita-se a viver só um mundo, mas na medida em que se ama, novos mundos podem ser penetrados. Assim, o mundo visível passa a ser apenas um exemplo isolado em relação ao universo todo com seus indefinidos mundos latentes. As coisas assumem um sentido mais amplo e variado, e os mundos que lhe seriam privados, abrem-se como que por fascínio. É a busca dessa diversidade desconhecida que justifica o amor:

ao querer obsedar a interioridade de uma pessoa, compreendemos que é à sua visão de mundo que desejamos pertencer, a fim de participar desse mundo que só ela conhece, de descobri-lo ao viver nele, de adquirir as suas experiências e assim o possuir (GRIMALDI, 1994, p. 20).

O amor, assim como a arte, seria uma abertura, um trampolim para o infinito. Quando se ama e se torna dependente de um amor, tal dependência não ocorre em função da pessoa amada, de suas qualidades físicas, morais ou intelectuais. Como já foi dito, a pessoa é quem menos importa, mas paradoxalmente, por ela, encontra-se a saída metafísica para universos desconhecidos.

5. O sentido e a origem do amor - intrusão e exotismo

Segundo Grimaldi o sentido do amor se definiria pelo desejo de obsedar uma outra consciência, porque quando alguém se torna objeto do pensamento do outro, ele se torna também objeto do seu mundo. E mais, ao se tornar objeto de um mundo passa-se a participar de todos os demais objetos que pertencem a esse mundo. É o que ele chama de tema da intrusão (1994, p. 22).

O mundo passa a assumir formas, ritmos, cores inteiramente distintas das habituais, exóticos, por assim dizer. A mulher amada traz com ela novos sabores e outros encantos, frequentemente mais interessantes. Tal vida só se pode conhecer pela penetração de uma outra consciência através da experiência amorosa.

Toda mulher pode ser desejada em razão de outra coisa que não ela mesma, pela promessa de uma nova vida em outro mundo (GRIMALDI, 1994, p. 22).

6. O inacessível e a ilusão

Logo, o que suscita o amor é a distância que separa um sujeito de um mundo desconhecido, apenas pressentido. “O amor é tanto mais vivo, tanto mais constante, tanto mais obsedante quanto mais inacessível é a pessoa amada, quanto mais improvável, incerta ou ameaçada é a sua posse”, (GRIMALDI, 1994, p. 23) dado que ama-se o que não se possui (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 23). A intensidade do desejo é proporcional à dificuldade de realizá-lo, ou seja, o que move o amor é a inatualidade e não a sua atualização. É assim que Albertina só é maravilhosa quando inatingível, mas quando sua posse se atualiza, ela torna-se apenas uma presença enfadonha e o mistério dá lugar à trivialidade. Diz Proust: “foi por havê-la visto como um pássaro misterioso e depois como uma grande atriz da praia desejada, obtida talvez, que eu a achara maravilhosa. Uma vez cativa na minha casa, o pássaro perderá todas as suas cores” (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 24). Ou seja, é o mistério de uma pessoa inacessível num mundo desconhecido que suscitam o amor, mas toda mulher já possuída, reduzida à realidade de sua própria pessoa, sua própria biografia, seus próprios hábitos, revela o quão ilusório era a vastidão do mundo que ela fizera imaginar. A ilusão esperançosa que o amor prometia se esvanece quando uma mulher se reduz a si mesma. A imaginação esperançosa e entusiasmada de habitar múltiplos mundos vai progressivamente empobrecendo na mesma medida em que a mulher amada se torna tão somente o que é.

7. A angústia da ausência

Assim, para que o amor ressuscite, será preciso que a imaginação se ative novamente e o caminho natural para isso é através da angústia da ausência. Quando a amada está ausente um universo desconhecido volta a orbitar a mente do amante: onde ela foi? Com quem se encontrou? O que viu, do que gostou? A renovação dos possíveis traz com ela o tormento da angústia e, conseqüentemente, abre passagem para a retomada do amor. Por isso, diz Grimaldi, o amor manipula a angústia e a angústia é a própria energia do amor, a causa do amor em Proust (1994, p. 26).

A agitação, a inquietude, a insegurança e a ansiedade engendram o amor. Mesmo quando a angústia é esquecida, ela está pronta a renascer, tornando-se alimento permanente do amor, de modo que quando cessa a angústia, cessa o amor e, mais ainda, a angústia tem o poder de fazer renascer um amor já esquecido. Diz Proust: “se de repente deixamos de estar inquietos, de sentir angústia, como é ela que constitui todo o nosso amor, parece bruscamente que tudo se desvaneceu” (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 27).

Em Proust, a forma assumida pela angústia é o ciúme (GRIMALDI, 1994, p. 27). O encantamento vivifica a imaginação, produzindo angústia e ciúme. Quanto mais misterioso o mundo da amada é, mais incertezas são geradas, mais dúvidas sobre os seus reais sentimentos – o amante imagina por uma infinidade de maneiras como pode ficar privado da mulher que ama. É assim que o ciúme vai se alimentando, o que impede que o amor seja um sentimento feliz.

8. Quatro razões que inviabilizam a posse da pessoa amada

Se o amor existe em razão do desejo de participação no mundo do outro, o ciúme se torna um obstáculo a essa posse. Grimaldi lista quatro razões que fazem a interioridade de qualquer pessoa ser inapreensível (1994, p. 28): a primeira é o que ele chama de irreduzível opacidade. Trata-se da impossibilidade de decifrar a identidade da pessoa amada. Não podemos saber o que ela é, o que viceja, o que pensa ou sente. É um jardim impenetrável, como diz Marco Aurélio Barroso:

em cada ser humano existe profundo jardim. Jardim fechado. Ninguém penetra. Nem marido, nem esposa, nem pai, nem filho, ninguém. É íntimo de sua alma que ninguém perscruta e nem você, mesmo querendo, consegue explicar ao outro. É algo indevassável. Olhar, dizem, pode refleti-lo, jamais decifrá-lo (2006, p. 47).

Ou seja, ao invés de cada um se mostrar em sua clareza, se mostra em suas sombras e opacidades. “De cada ser, em vez de uma verdade definível, o possível indefinido: nada que se possa um dia conhecer e nada a respeito de que não se possa sempre presumir” (GRIMALDI, 1994, p. 29). Diz Proust:

uma pessoa não é, como eu pensava, clara e imóvel diante de nós, com suas qualidades, seus defeitos, seus projetos, suas intenções a nosso respeito, [...] mas sim uma sombra onde nunca podemos penetrar, para a qual não existe conhecimento direto [...], uma sombra onde podemos sucessivamente imaginar, com igual verossimilhança, que brilham o ódio e o amor (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 28-29).

O outro permaneceria sempre como um mistério, sua identidade sempre uma indagação. Quando as soluções de identidade não são mais permitidas, é preciso que todas as possibilidades se afirmem. A totalidade do mundo vai para dentro do sujeito, no caso, para dentro da pessoa amada. Essa, tal qual a definição de mônada, passa a envolver em sua noção o universo inteiro, passa a espelhar o infinito.

O campo infinito dos possíveis não conhece contradição ou inverossimilhança. Ele é infinitamente mais vasto que o campo do real, como diz Ionesco: “Todo sonho é capaz de realização, enquanto que a realidade pura não se realiza além de si mesma. É o que é” (1962, p. 3). É exatamente desse campo infinitamente vasto dos possíveis que o ciúme se alimenta, porque o amante não isenta a pessoa amada de nenhuma situação, ou seja, nada lhe considera impossível. A imaginação do possível é mais intensa e rica que a constatação do real, daí a desesperação do ciumento quando descobre que nenhum possível é vedado à mulher que ama – a realidade sempre será menos lacerante e cruel do que a sua imaginação pode produzir.

A segunda razão é o que Grimaldi chama de ubiquidade da consciência. Trata-se da inapreensibilidade da consciência, isto é, a possibilidade do pensamento estar sempre em outro lugar. Nunca se pode ter certeza onde está o pensamento da pessoa amada, mesmo que diante de sua presença física. É assim que a presença pode se mostrar atravessada de ausências. Relata Proust: “nos seus olhos eu via passar ora a esperança, ora a lembrança, talvez a saudade, alegrias que eu não adivinhava, às quais nesse caso ela preferia renunciar a me confiá-las” (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 29-30). É permitido ao amante a posse do corpo da amada, a posse de sua exterioridade, mas a ubiquidade da consciência torna a sua interioridade sempre fugidia. Ainda nas palavras de Proust:

podia muito bem pôr Albertina no meu colo, manter-lhe a cabeça em minhas mãos, podia acariciá-la, passar longamente as mãos sobre elas, mas sentia que tocava apenas o envoltório fechado de um ser que pelo interior alcançava o infinito” (1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 30).

O angustiante ou desesperador é que não está em poder do amante conter essa fuga. Lamentavelmente, “entre as nossas próprias mãos, esses seres são seres fugidios” (PROUST, 1954 *apud* GRIMALDI, 1994, p. 30). Em resumo, nenhum ser pode ser reduzido à sua aparência e esta sempre será insuficiente para fazer conhecer sua natureza. Ora, tudo isso não faz senão exasperar o ciúme.

O terceiro obstáculo estaria na ilusão de estabilidade que se empresta a uma natureza, na ilusão que se tem ao crer poder conhecer uma pessoa, sobretudo as pessoas próximas. Mesmo os familiares permanecem estranhos aos seus e a pretensa personalidade que se atribui a um sujeito nada mais é do que mera ficção. A cada encontro a pessoa amada pode se revelar irreconhecível, fazendo com que qualidades ternas como a candura e a tranquilidade se transformem em fúria e vício. A amada torna-se dessemelhante, torna-se outra, torna-se imprecisa. Ou seja, o objeto do amor não passa de um estranho.

Por fim, a última dificuldade reside no fato de que todo sujeito toma o cuidado de ocultar-se, pois o ciúme, que se expressa como uma desconfiança, autoriza a mentira. Diz Grimaldi que basta alguém se sentir amado para se retrair, dissimular e mentir (1994, p. 32). Na tentativa de se proteger da prodigiosa imaginação do amante, a amada mente por vezes para substituir a realidade por uma versão mais verossímil e, portanto, menos apta a desencadear o seu ciúme.

Mas a mentira, longe de destruir o amor, faz com que ele cresça. Na realidade, “tanto a mentira provoca o amor, quanto o amor provoca a mentira” (GRIMALDI, 1994, p. 32-33), na medida em que ela também faz multiplicar os possíveis, tirando da realidade a sua certeza. A mentira ou a sua possibilidade envenena os acontecimentos e mesmo as lembranças de momentos alegres e dias felizes ficam em suspeição. Como diz Proust, “sentia insinuar-se a presença possível e subterrânea de mentiras que lhe tornavam ignóbil tudo quanto lhe restara mais caro” (1954 *apud* GRIMALDI, p. 34). Isto é, as lembranças de acontecimentos verídicos são contaminadas pela possibilidade da mentira, do falso. É o amor e o ciúme afirmando a potência do falso. Como ensina Deleuze (1992, p. 85), o falso não é um erro, uma negação ou uma oposição ao verdadeiro. Não se trata de dizer que a amada mente ou que mentiu, mas de estabelecer o verdadeiro como indecível. O amante não fica apenas entre

duas versões de uma história: ele vai produzindo variações e bifurcações na realidade e faz isso com tanta abundância e espontaneidade, que a vê multiplicada *ad infinitum*.

A imaginação prodigiosa do amante faz destroçar o mundo verídico, renova os caminhos divergentes, desdobra variações. A mentira, surpreendentemente, torna-se o caminho para que séries divergentes e heterogêneas sejam afirmadas, proporcionando ao amante a inclusão das versões mais longínquas ou insuspeitas. Forma-se assim um círculo vicioso: o mistério suscita o amor, mas provoca ao mesmo tempo o ciúme. Em razão do ciúme aparece a mentira, que faz agravar o ciúme e, por conseguinte, o amor.

A crueza do ciúme é que sua experiência não se limita a uma atitude mental, mas se expande como dor e mesmo dor física e até visceral, equivalente a um ferimento, ainda que provocada por palavras, representações e fantasmas (GRIMALDI, 1994, p. 37). Ele é um quase ser, possui uma quase existência e, por isso, é tão avassalador, posto que todo existente é necessariamente determinado, individuado, contido em uma natureza. Mas o que é um quase ser não ganha tais atributos, ao contrário, escapa a toda determinação, deixando uma abertura que nunca se fecha aos infinitos possíveis.

9. A imaginação amorosa e a imaginação ciumenta

Se com o amor o amante pretende ser introduzido em outro mundo por ele desconhecido (o mundo da mulher amada), com o ciúme este mundo se multiplica. A mulher que, objeto do amor, se imagina inatingível, misteriosa e distante, fica ainda mais misteriosa, incompreensível e distante como objeto do ciúme! (GRIMALDI, 1994, p. 39). Em outras palavras, a imaginação amorosa representava a saída do amante de seu mundo próprio e o desejo de percorrer recantos negados a este mundo, mas a imaginação ciumenta, na medida em que excede o conhecido, torna-se muito mais poderosa, pois não se cansa de fantasiar, de criar, de recriar.

O ciúme seria assim tanto mais torturante quanto mais entregue ao imaginário, e a imaginação tanto mais intensa e dolorosa quanto mais visualizasse a mulher amada numa infinidade de encontros, situações, gestos e comportamentos possíveis (GRIMALDI, 1994, p. 46).

O infatigável trabalho da imaginação é sair do mundo reduzido que a percepção oferece, à determinação de objetos, pessoas e situações particulares,

limitados e circunscritos e apontar para as inesgotáveis e ilimitadas imagens possíveis para o mesmo caminho, qual seja, sair da atualidade da mulher amada e produzir novas imagens.

Conclusão

Para Proust o que faz o eterno desejo da vida é a apreciação de todas as outras vidas que se poderia ter tido em outros mundos possíveis e da qual cada mulher estranha torna-se um modo de, pelo menos, experimentar a sua proximidade. Ao querer penetrar em seu interior, o sujeito deseja participar do mundo que o outro conhece, mas que para ele lhe é estranho. Em outras palavras, pelo amor e pelo ciúme têm-se uma experiência metafísica que desdobra outras virtualidades e faz conquistar a liberdade. Diz Grimaldi, “na origem do [...] desejo amoroso há pois, em Proust, [...] a própria experiência da nossa liberdade” (GRIMALDI, 1994, p. 23).

Uma só existência, um só mundo, uma só vida é pouco. Conquistar a liberdade, nesse sentido metafísico, é experimentar uma força espiritual, uma elevação da alma, e tal é possível quando se derruba as finas fronteiras do eu, liberando-o do sufocante mundo próprio que caracteriza cada sujeito. É aí que trilhas insuspeitas constroem novos caminhos que levam sempre à expansão do eu.

Referências

- BARROSO, Marco Aurélio. *Ela mora em Botafogo*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.
- BERGSON, Henri. *La perception du changement*. In: _____. *Oeuvres*. 5. ed. Paris: PUF, 1991.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. *A imagem tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *A dobra: Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papyrus, 1991.
- _____. *Conversações*. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- GRIMALDI, Nicolas. *O ciúme: estudo sobre o imaginário proustiano*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1994.
- IONESCO, Eugene. *O rinoceronte*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- LEIBNIZ, G. W. Letrre a M. Arnauld. In: *Oeuvres de Leibniz*. Nouvelle édition, collationée sur les meilleurs textes et précédée d'une introduction par M. A. Jacques. Première série. Paris: Charpentier, 1842.

- _____. A monadologia. In: NEWTON, I.; LEIBNIZ, G. W. *Os Pensadores I*. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.
- _____. Discurso de Metafísica. In: NEWTON, I.; LEIBNIZ, G. W. *Os Pensadores I*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.
- _____. *Essais de théodicée*. Paris: Flammarion, 1969.
- _____. *Recherches générales sur l'analyse des notions et des vérités: 24 thèses métaphysiques et autres textes logiques et métaphysiques*. Paris: PUF, 1998.
- ROBBE-GRILLET, Alain. *O ciúme*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Por um novo romance*. São Paulo: Documentos, 1969.
- ULPIANO, Claudio. *Corpo orgânico e corpo histórico*. Aula de 16/01/1995. Disponível em <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=96>>. Acesso em: 06 jun. 2015.